CONSIDERAÇÕES EM DERREDOR DO SÉTIMO CAPÍTULO DA "HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE"

CARLOS STUDART FILHO

A idéia de escrever o presente escôrço resultou de mero «acidente» de pesquisa; surgiu quando compulsávamos publicações especializadas e fontes documentais idôneas em busca de subsídios que nos habilitassem a bem redigir um artigo de caráter polêmico. Pretendíamos, então, refutar teses de acentuado cunho regionalista, defendidas por historiadores caririenses — duas das quais se nos afiguravam particularmente dignas de maior reparo pela ousadia de seus conceitos.

De maneira categórica, afirmava, com efeito, uma delas, não haver em Fortaleza dos primórdios da 19.ª centúria qualquer núcleo intelectual capaz de captar as novas idéias (emancipacionistas e republicanas nascidas em Pernambuco, em 1817) e comunicar-lhe dinamismo. No Crato, ao invés, abrolhara, proclamava a segunda das proposições aludidas, «todo um escol espiritual propício à infusão dos princípios», ou idéias libertárias de que José Martiniano de Alencar teria sido ali o arauto diligente e benemérito.

Tratando-se de assunto ligado à vida e evolução das provincianas letras cearenses, era natural que, para combater as teses delusórias, nos fôssemos abeberar nesse manancial copioso de claro saber especializado que é a «História da Literatura Cearense» da autoria do Prof. Dolor Uchoa Barreira. Trabalho de largo fôlego, o escrito em aprêço situa, com muita felicidade, a Terra-da-Luz no panorama histórico das letras brasileiras e evidencia o alto nível em que, através do tempo, se tem mantido a nossa cultura literária. Comprova, dêsse modo, a veracidade da afirmativa algo surpreendente de José Veríssimo, segundo a qual, «depois do Rio é o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária. . .»

Era natural, igualmente, que, peregrinando pelo primeiro tomo daquela obra opulenta e magnífica, — estrada limpa, larga e chã a rasgar ousadamtnte a intrincada e abstrusa selva das letras cearenses — nossa curiosidade ansiosa se detivesse na leitura do seu 7.º Capítulo e, mais especialmente, na parte que trata dos Outeiros, e aí buscássemos as informações de que tanto carecíamos. Não fomos, porém, felizes em nosso cometimento, não nos satisfizeram, por inteiro, os dados nêle consignados.

Compulsáramos, antes, o bem documentado ensaio que, sob o título «Associações Literárias e Científicas do Brasil e particularmente do Ceará», o emérito professor dera à publicidade no Tomo LVII da «Revista do Instituto» (págs. 148 e seguintes) e daí, por certo a nossa surprêsa e o nosso desapontamento.

O capítulo, de que tanto esperávamos, pareceu-nos, em virtude talvez da leitura anterior já referida — estranhamente podado, para não dizer incompleto e tíbio. Nêle o autor não incluiu como cabia fazê-lo, os judiciosos conceitos emitidos em seu primeiro estudo sôbre a matéria e a maioria, senão a totalidade das produções poéticas e prosaicas com que ilustrou os aludidos conceitos. Tal atitude teria em nosso entender, dupla vantagem: pouparia ao leitor interessado em conhecer o assunto por miúdo e aos não residentes em Fortaleza, a difícil emprêsa de conseguir para consulta o número da «Revista» que estampa o trabalho. Melhor se cumpriria, outrossim, a benemerente finalidade visada pelo escrito que é fazer a enumeração minuciosa e sistemática da nossa produção literária ou, consoante a palavra do próprio autor, dar a lume «uma história o quanto pormenorizada possível das letras cearenses», (op. cit., pág. 74).

A inclusão, no Capítulo 7.º da «História», das criaçáes artísticas, a que aludimos, de nenhum modo poderia ser acoimado de rédito ou acréscimo dispensável tendo-se em vista, também, o vulto da obra empreendida pelo erudito cearense, obra que já vai por 4 alentados volumes, in ¼ de 500 páginas em média e parece estar bem longe do seu término. A esplêndida e sumarenta publicação do Prof. Dolor é já tão extensa, tão alongada e tanto promete que, se fôssemos expressá-la de maneira alegórica, dar-lhe-íamos, como símbolo, a figura de uma espiral desdobrando-se vertiginosamente no rumo do infinito, têrmo para que tendem, afinal, tôdas as vibrações do nosso estro.

Não é tudo. Encerram os trabalhos do Prof. Dolor, a que recorremos, omissões e pequenos enganos que, sem lhes diminuírem a beleza e solidez, devem ser corrigidos.

Assim, no capítulo intitulado «Entre Outeiros e Academia Francesa no Ceará», afirma S. Sia., às págs. 74, o seguinte: «Depois dos Outeiros, em 1813 e 1814, e antes dos «Prelúdios Poéticos» de Juvenal Galeno — livro cuja publicação, observamos nós, marcaria, para a quase totalidade dos historiadores, o início de nossas provincianas atividades literárias — verificaram-se, no Ceará, manifestações literárias que não deixam de merecer «menção expressa», numa história o quanto pormenorizada possível das letras cearenses.»

E prossegue, pág. 75: «Assinale-se, antes de tudo, que a 26 de novembro de 1849 surge em Fortaleza, das oficinas do «Pedro II», o jornal «Sempre-Viva», destinado ao belo sexo e dedicado exclusivamente à literatura.»

Há, no 1.º dos trechos citados, um equívoco evidente. Refere-se à duração da era dos Outeiros que, de nenhum modo, poderia ter sido apenas de dois anos, de 1813 a 1814, como insinua o autor.

Sampaio — consoante o Barão de Studart que, de maneira convincente e definitiva, lhe reabilitou a memória injustamente atassalhada por historiadores nem sempre bem informados — assumiu a suprema direção da Capitania em 19 de março de 1812 e nela se manteve até janeiro de 1820. Sendo inteligente e muito amigo de incentivar o gôsto pelas belas letras, não podia, é claro, desinteressar-se das atividades intelectuais de seus governados dois anos depois de êles as terem iniciado com tanto ardor.

Que elas não terminaram em 1814 prova-o «a oração oferecida ao ilustríssimo e excelentíssimo Senhor Manuel Inácio... em data de 1815 e lida no Palácio do Govêrno por Amaro Joaquim Pereira de Morais Castro».

Aliás, não estamos a lembrar nenhuma novidade ao Prof. Dolor, pois é, êle próprio, quem nos dá notícia dêste longo discurso louvaminheiro em um dos estudos aqui ligeiramente apreciados.

O não têrmos notícias de produções literárias aparecidas no restante período do Govêrno de Sampaio, que vai de 1815 a 1820, não significa a inexistência delas ou, melhor, a brusca cessação do interêsse dos repúblicos forta-

lezenses pelas coisas do espírito. Significa, apenas, que tais produções se perderam ou não foram ainda reeditadas. Que, pelo menos, até 1817, os íntimos e apaniguados do Governador continuaram a cuidar de literatura com o maior esto, parece indicá-lo o trecho abaixo da carta por aquela autoridade dirigida ao Conde de Barca, em 20 de abril de 1817.

«Nos dias 6, 7 e 8, ressalta o missivista, houveram nesta capital danças e outros divertimentos públicos, e que foram acompanhados de outros semelhantes que várias pessoas do povo arranjaram. Repetiram os mascarados MUITAS PEÇAS POÉTICAS DE MAIS OU MENOS MERECIMENTO, mas tôdas demonstradoras do maior entusiasmo.

Entre estas peças poéticas apareceu uma em que se declarou altamente que a traição intentada era imediatamente contra a minha pessoa...»

Outro desacêrto do nobre Prof. Dolor foi o não incluir na lista dos poetas cearenses dos inícios de nossa vida literária o nome de José Martiniano de Alencar, um dos nossos vultos preexcelentes e a figura máxima da rebelião republicana de 1817, no Cariri.

Prêso, em consqüência do fracasso do movimento armado que chefiara, e recolhido ao quartel da tropa de linha em Fortaleza, aí sofreu humilhações e afrontas e o afligiram variadas torturas físicas e morais. Vencido pelo desânimo o angustiado herói cedeu, não raro, às ardências de sua imaginação e, à maneira de outros inconfidentes — Domingos José Martins e Amaro Soares de Avelar —, vazou no papel os tristes sentimentos que lhe anuviavam a alma.

É de sua pena êste pobre sonêto que a posteridade recolheu e cujo original o Barão de Studart conservava em seus arquivos:

Não lastimo do terrível cárcere a opressão
Nem dos pesados ferros o rigor
A perda dos bens me não causam dor
Não sinto contra mim da Parca a mão.

A pobreza e o desprêzo, a humilhação
Em mim não causam o menor temor
Nem pode de cruéis trabalhos o vigor
Abater meu firme e constante coração.

Dos meus parentes á esquivança
Não sinto; desprezo com constância
De bárbaros inimigos a vingança;

Só sinto, só lamento com instância
E trarei sempre escrito na lembrança
De certos amigos meus a inconstância.

Endereçou, outrossim, ao Governador Sampaio a seguinte súplica em versos, que não podemos deixar, também, de transcrever:

Basta já, ó tirana e cruel sorte,
Tanto mal que tens ocasionado
De rara família o dano executado
Contra mim iminente o duro corte.

Em uma prisão fumacenta, dura e forte
Já perdidos os bens, acabrunhado
Como traidor ao Soberano reputado,
Labéu o que sinto mais que a mesma morte

Basta sim, não me chegues a tanto maltratar
Aparta de mim agora o vão terror.
Deixai-me! ó Benigno Gor. ir suplicar

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
Compadecei-vos da minha sorte e do meu penar
Aliviai-me dos pesados ferros o rigor.

Do mais humilde súdito e criado
O prêso José Martiniano Pereira.

O Barão de Studart, em artigo escrito para o Tomo XXXI, da «Revista do Instituto do Ceará», apreciando a produção poética de Alencar em confronto com as dos dois rebeldes citados, sentencia:

«Dos três era incontestàvelmente o Alencar o menos favorecido das Musas.»

* * *

Nem a opinião pouco lisonjeira do Barão de Studart, nem o mediocre valor dos sonetos referidos, aos quais faltam, realmente, os atributos estéticos, que fazem as grandezas e singularidades dos versos genuinos, foram, por certo, os motivos determinantes da não inclusão do nome de Alencar no rol dos nossos primeiros poetas.

E tal não poderia mesmo ter sido porque o autor deixou claro, nas páginas iniciais de sua esplêndida monografia, possuir a nítida compreensão do que seja uma história literária e, também, as veras qualidades de historiador das nossas belas letras. Êstes predicados êle patenteia ao considerar os Outeiros o autêntico ambiente onde se fizeram ouvir nossos primeiros balbucios literários.

Evidencia-os, ainda, tomando a defesa de Costa Barros e dos outros árcades cearenses contra as investidas sempre acres do Professor Silvio Júlio, cujas opiniões extremadas combate com muito acêrto.

«Silvio Júlio, escreve o Prof. Dolor, às págs. 71, de sua monografia, sem dúvida deslembrado de que os Outeiros constituiam manifestações, primárias ou prodrômicas, de uma literatura e de que era mais ou menos (salvo honrosissimas exceções), o molde ordinário ou comum da poesia do tempo..., acerbissimamente os conceitua e os seus poetas.»

O intelectual sulino chamara, com efeito, suporíficos marteladores de cacos de garrafa («Terra e Povo do Ceará», pág. 100) aos literatos que participavam das tertúlias palacianas de Sampaio.

A Pedro José da Costa Barros, não obstante ser dos maiores de entre êles, com acrimônia tachara de poetastro áulico que «não se entusiasmava com as nossas ansiedades, com as belezas da natureza brasileira, com os sentimentos do coração, mas compunha odes e ditirambos aos reis e aos príncipes. Adulação revoltante e destituída da arte plausível.»

«Seria, acrescentara o acerbo crítico, exceção única a «Ode Pindárica aos Heróis Lus'Anglos», caso não se tratasse de chata e espinhenta versalhada, úmida ao servilismo às coisas da metrópole e da Europa. Êsse ossudo poemeto êle o forjicou em 1814...» «Costa Barros só metrificava aos pés do trono, degradando o mister sacrossanto do estro.

Nem parece contemporâneo dos bravos libertadores e republicanos de 1817 e 1824.»

Os dois últimos tópicos da verrina, que acabamos de reproduzir e que é patentemente injusta, suscita comentários de não pequeno interêsse histórico e sociológico.

Costa Barros, não obstante pouco vivesse em Fortaleza por fôrça mesmo de seus encargos militares, freqüentou efetivamente os saraus do Paço do Governador.

Que assim sucedeu, prova-o a «Ode Pindárica» por êle composta em honra «Aos heróis Lus Anglos» e dedicada a Manuel Inácio de Sampaio, ode que o Barão de Studart dá como recitada a 17 de agôsto de 1814, e o Prof. Dolor inclui em seu escrito sôbre «Associações literárias e científicas do Brasil e particularmente no Ceará — Outeiros.» («Revista do Instituto do Ceará», tomo LVII, 1943, págs. 167 e 173).

Sargento-Mor do Regimento miliciano das Marinhas do Ceará e Jaguaribe — e não apenas Sargento-Mor do Regimento de Infantaria de Milícias do Ceará, como aparece citado em vários trabalhos, foi, porém, áulico por muito pouco tempo.

Em 1815, quando o Capitão-Mor de Olinda, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, visitou o Aracati a serviço da carbonaria do Recife, êle e seu irmão ali se achavam, logo se ligando com o agente rebelde.

Enleado, sem dúvida, pelos propagandistas das idéias maçônicas, que pelo Ceará andavam, se fêz pedreiro livre, aderiu secretamente ao credo subversivo que então empolgava o Nordeste e iria determinar a fracassada revolução de 1817. Tornou-se, pois, adversário de Manuel Inácio de Sampaio, com quem antes se acompadrara.

Seu nome, como de tantos outros simpatizantes velados das novas idéias de liberdade, não figura no rol dos culpados de rebeldia. Isso, porém, nada significa, pois, naqueles idos, o simples fato de se tornar alguém amigo de agentes da subversão, o denuncia como carbonário, inimigo do regime político vigorante no País e desafeto do Governador do Ceará.

Aliás, o fato de serem maçons muitos homens-de-letras que, na Capitania do Ceará, direta ou indiretamente, participaram do movimento de 17, explica as atitudes na aparência contraditórias, de alguns dêsses revolucionários, fato ainda não devidamente explanado pelos que se ocupam de história.

Independentistas e, não raro, republicanos ferrenhos antes de 7 de setembro de 1822, aparecem, depois da memorável data, como monarquistas convictos e partidários extremados do nosso primeiro Imperador.

Protegidos por êle, alguns dêsses antigos rebeldes acabaram avultando no cenário político do 1.º Reinado ou nos quadros da sua administração pública.

Porque assim sucedeu, fácil é conjeturarmos. O Imperador era figura preeminente no seio da maçonaria brasileira; sua ascensão ao trono fôra, ao que tudo indica, obra dos pedreiros livres. O monarca não podia, portanto, desamparar os companheiros que vinham servindo com zêlo e abnegação à sociedade de que êle era um dos valôres mais altos, senão, mesmo, o chefe supremo.

Dentre os letrados que, no Ceará, se fizeram partidistas de nossa emancipação política e foram, depois de 9 de janeiro, aquinhoados pelo Govêrno com grandes benefícios, figuram, entre outros, o lisboeta Targini (Francisco Bento Maria Targini), que recebeu o título de Barão e, depois, o de Visconde de São Lourenço, João Antônio Rodrigues de Carvalho cujo «republicanismo não impediu de ser o 1.º Presidente da Província de Santa Catarina e acabar Ministro do Supremo Tribunal e Senador pelo Ceará».

Também Pedro José da Costa Barros, embora sem ter sido provadamente maçom, fêz jus a numerosas mercês. Entre estas, avulta a pasta da Marinha e Presidência do Ceará.

Era êle tão afeiçoado a D. Pedro I que, eleito à Constituinte Portuguêsa, deixou-se ficar na cidade do Rio de Janeiro, onde desde muito residia, para melhor servi-lo e à causa da Independência brasileira.

«Posterguei, proclamava êle em carta dirigida à Câmara, êstes dois ídolos, o ouro e a representação, só para ter parte nos destinos de minha pátria e servir às ordens de S. Majestade, por quem tudo troquei.» (Apud B. de Studart.)

Tornemos, porém, a Sílvio Júlio, para ressaltar que, desancando valentemente os árcades cearenses, êle não fêz, como pretendia, obra de historiador. Ao discorrer, no «Projeto de História Sintética da Literatura Cearense» («Terra e Povo do Ceará», Rio, 1936, págs. 69 e seguintes), sôbre os beletristas citados, o satírico poeta de «Fósseis no Frigorífico», agiu simplesmente como crítico que analisa fatos e personagens através de critérios personalistas, e que, por isso mesmo, nem sempre se revela imparcial nos julgamentos.

História literária teria escrito se, antes ou depois de feita a enumeração pormenorizada dos vates e prosadores, que participaram dos Outeiros, e citados seus trabalhos mais característicos, houvesse mostrado com clareza as causas do desabrochar tardio do gôsto dos cearenses pelas belas-letras, atraso que o próprio crítico, de certa forma, estigmatiza...

Um especialista nos domínios do Clio teria, outrossim, pôsto em relêvo a amplitude, brusquidão e vigor do acordar de nossas atividades literárias, despertar de que foi o fator decisivo ou, antes, o estimulador atento, o reinol Manuel Inácio de Sampaio. Não desmereceria, classificando de baboseiras (op. cit., pág. 100), as produções de nossos primeiros poetas e prosadores. São elas, não há como negá-lo, obras de pouca elevação e curtos remígios, mas que devem provocar em nós, não embaraço ou piedade como pensa Sílvio Júlio, mas surprêsa e admiração. Tais sentimentos empolgarão fatalmente todo aquêle que levar em conta o baixo nível cultural do povo, em cujo meio surgiram as modestas criações artísticas, e o ambiente declaradamente infenso aos vôos da inteligência.

Recordemos que, em 1800, não passava de cem mil o número de habitantes do Ceará e êstes viviam, segundo o testemunho do Governador Bernardo Manuel de Vasconcelos, mais conforme «a lei da natureza que de acôrdo com os princípios de sociedade e civilização humana e cristã». (Apud Barão de Studart, «Notas»).

Para ministrar os rudimentos das letras a essa multidão ignara havia, em tôda a capitania, «apenas 5 aulas de Latim e outras tantas primárias».

Menoscabando de Costa Barros por haver composto odes e ditirambos em louvor de reis e príncipes, esqueceu S. Sia. «que o homem produz segundo o seu caráter, temperamento e condições de existência». Olvidou, ainda, que escolas literárias representam meros estados de espíritos na evolução do sentimento humano...»

Ser poeta cortesão, e cantar as benemerências dos nobres, foi, pode dizer-se, um imperativo da era dos Outeiros, como já o fôra, antes, nas outras capitanias, quando nelas denominava o movimento arcádico.

Com honrosas exceções, outra coisa não fizeram senão incensar Vice-Reis e Governadores Gerais, os membros da Academia Brasílica dos Esquecidos, que teve sede no palácio de Vasco Fernandes César de Menezes, os «Felizes», do Rio de Janeiro, os «Seletos» do tempo do Conde de Bobadela, e, quiçá, até certos «Renascidos», da Bahia, um dos quais, José Pires de Carvalho, preferiu louvar a máxima figura feminina da Côrte Celestial.

Fruto da inspiração de uma grande figura da Arcádia Ultramarina, Cláudio Manuel da Costa, é a ode oferecida «ao nascimento de um filho de D. Rodrigo

José de Meneses», ode transbordante de pompas e gabos como as dos poetas cearenses, que versejariam algumas décadas depois.

Demais, a história literária de uma sociedade humana não é simples, florilégio, ou mera antologia, das criações de seus homens de letras, fato que, aliás, não escapou à argúcia do Prof. Dolor Barreira, quando do assunto tratou em sua monografia.

Tampouco será ela o fruto de mecânico labor de arrolamento de tudo que produziram poetas e prosadores do agregado social a que o estudo se reporta.

Na elaboração de uma monografia do tipo referido, faz-se mister — todos o sabemos de sobejo — a prévia exumação, ou cata, das composições literárias dos diferentes escritores — operação a que segue cuidadosa escolha e subseqüente registro daquelas letras que melhor possam individualizar a personalidade artística do escritor.

A seleção se impõe, é óbvio, porque, do contrário, teríamos um inútil e fastidioso cartapácio de infinitas páginas, enfeixando a totalidade das obras poéticas e prosaicas dos homens-de-letras, surgidos no seio do povo de cuja cultura literária tratamos, e não um proveitoso registro de suas belas-letras.

Tenhamos, todavia, bem presente que, em uma história literária, cabem as produções de letrados de todos os tomos e matizes. Nela devem, portanto, aparecer não apenas as sublimes criações do gênio, mas, igualmente, os frutos chilros das lucubrações de míseros plumitivos, pouco importando qual haja sido o tema estético predominantemente versado e a escola a que êles se filiem.

Figurarão, pois, lado a lado, «versos de boa qualidade e larga e poderosa inspiração» e trovas de pobres poetas enfermiços; a prosa grandíloqua e a de estilo leve, corredio e fácil irão de «par com as produções insulsas e rasteiras de prosadores claudicantes.

As chatezas e vaculdades dos medíocres servirão para revelar e exaltar os esplendores das criações dos verdadeiros artífices da palavra escrita.

Consoante a mui sutil observação de Amadeu Amaral, grandes escritores «não existiriam se não houvesse a vasta mediocridade que os cerca, que lhes serve de ponto de apoio, que lhes alimenta o espírito nos primeiros tempos e que os impele para cima com todos os estímulos contraditórios da rivalidade, do ataque e do aplauso».

> Aliás, «tôda literatura pressupõe uma multidão de medíocres, e não só de medíocres, senão também de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ela é, tanto mais numerosa a multidão rasteira. Êsse mato baixo sustenta a indispensável camada de húmus, resguarda e entretém a vida incipiente das árvores destinadas à máxima expansão. Foi êsse mato que permitiu, na Inglaterra, o crescimento fabuloso de Shakespeare, a cuja volta trabalhava e produzia uma plêiade de dramaturgos fortes e uma turba muito obscura de escribas impotentes e miúdos» (Amadeu Amaral — «Elogio da Mediocridade» — Revista do Brasil, janeiro de 1916, págs. 32).

Não vale para evidenciar o rude engenho e a curta inspiração dos homens-de-letras cearenses dos inícios do século XIX, pôr em confronto seus tartamudeios poéticos, com as criações dos vates da Escola Mineira, de que Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa foram as máximas figuras.

Falta, é certo, às odes dos nossos árcades, «a elevação das idéias, a ousadia das metáforas, o brilho das imagens, a riqueza e variedade dos ritmos, a harmonia e majestade do estilo.» Seus sonetos, ressalta-o ainda Dolor Barreira «não são de mui levantado estro, não abundam em idéias e originalidade». Isto, porém, pouco importa pois tudo é relativo. Cotejando o que hão produzido escritores brasileiros de todos os tempos, com as criações de seus contemporâneos, vivendo na outra banda do Atlântico Norte, nem sempre aquêles farão boa figura.

Dissertando acêrca de determinados aspectos da arte moderna, disse Tristão de Ataíde, um dos críticos nacionais de maior fama: «Se não fôssemos tão atrasados intelectualmente, se não tivéssemos, como sempre sucedeu no passado, de esperar vinte anos para que todos os movimentos novos atravessassem o Atlântico, já poderíamos ter ultrapassado o futurismo, como hoje o faz o maior número das inteligências.» («Estudos», pág. 121, Rio, 1927.)

A opinião do autor de «Terra e Povo do Ceará» é, igualmente, injusta e descabida no tocante à obra de José Pacheco Espinosa, a quem chama erradamente José Pacheco de Lima, julgando-o irmão de Matias Pacheco, e censura por haver exaltado, em sonetos e décimas, certo chafariz da vila de Fortaleza.

«Em vez de cantar as praias batidas de vagalhões, sentencia, o homem atravancava o Parnaso com décimas e sonetos sôbre um chafariz.»

Injusta e descabida opinião, afirmamos, porque esquece que «pela convivência, tudo quanto nos cerca adquire relações de lirismo conosco». «E, assim, é razoável — ressalta com muita finura o senhor Newton Beleza, não que a arte descreva cientificamente o telégrafo, o cinema, o aeroplano, o jornal, etc., mas que o sinta.»

Pacheco Espinosa sentiu estèticamente o chafariz da Capital Cearense e o celebrou em versos. Estava, pois, em seu direito e ninguém o pode incriminar por haver escrito — todo a vibrar de entusiasmo artístico e cortesão — estas sugestivas estrofes:

Esta que vês, curioso Passageiro,
Límpida Fonte, clara sussurrante,
De cristalinas águas abundante,
Que o Sítio faz ameno e lisonjeiro

Êste manancial de águas, o primeiro
Que fêz surgir na vila arte prestante
Para a sêde saciar o caminhante
O sábio, o nobre, o rico, o jornaleiro.

Na mesma ordem de idéias, ser-nos-ia lícito perguntar ao Prof. Sílvio Júlio se teria a coragem de também censurar ao mais ilustre dos poetas franceses contemporâneos, — o velho e grande Hugo, o da «Odes», de «Fueilles d'Automne» e da «Légende des Siècles» — haver cantado o Arco do Triunfo e, em versos esplêndidos, lamentar não vê-lo envelhecido e coberto de musgos e ervas que tornam os monumentos venerandos e poéticos?

Il te manque la ride et l'antiquité fière,
Le passé, pyramide où tout siècle a sa pierre
Les chapiteaux brisés, herbe sur les vieux fûts

Il manque sous ta voute où notre orgueil s'elance
Ce bruit mysterieux que se mêle au silence
Les sourdes chuchotements des souvenirs confus...

Em nosso entender, Espinosa antes merecia louvores que retaliações e doestos, por haver celebrado, em versos abundantes, as primazias do nobre chafariz. Exibindo, aos olhos do povo e dos letrados da terra, a importância da obra criada pelo Governador, êle a tornou de todos conhecida.

Se assim não houvera feito, poucos seriam, decerto, os habitantes da velha Fortaleza a se darem conta da existência da solitária fonte e a lhe sentirem os amavios e as utilidades. E, dêsse modo, seria, porque é a arte que ensina a «ver» e a melhor admirar as realidades ambientes e que torna amenas e graciosas as cousas que nos cercam.

Acaso desconhece alguém ser ela, a divina arte, um filtro capaz de abrir a alma e o coração das gentes aos secretos encantamentos do mundo em que vivemos?

Transpondo, para a tela, cenários e paisagens, «os pintores, lembra-o com razão Deonna, chamam a atenção do público para uma infinidade de minúcias, formas e luminosidades, valôres e coloridos» ante os quais o mesmo público se quedara indiferente e a beleza que êle percebe, de então por diante, na natureza que o rodeia, nada mais é senão aquela que a arte lhe tornou familiar.

Mas não apenas os pintores são capazes de tão estranhos e benéficos sortilégios. Dêsse misterioso poder de pôr em relêvo aquilo que antes não sabíamos ver, nem sentir, fruem ainda poetas, prosadores, músicos, numa palavra, todos os artífices cuja alma vibra às complexas solicitações do belo.

Afirmou aprimorado esteta — Oscar Wilde se não nos falha a memória — que a natureza imita servilmente a arte, e pessoas de sensibilidade não menos requintada pretendem ser pela arte e através dela que a natureza se descobre e se nos patenteia em seus variados ângulos.

Aceitamos, em tôda a plenitude, essas transcendentes e sutilíssimas verdades que beletristas pirrônicos considerarão, talvez, paradoxos sensaborões. Assim, cremos firmemente que, em plagas cearenses, só foi ouvido o canto da jandaia, depois de Alencar haver apontado, como pássaro canoro, esta prima irmã das caturras e dos periquitos, aves cujo vozear estrídulo e confuso todos conhecemos.

Temos, igualmente, a impressão que as procelárias só apareceram nos céus dos nossos mares depois que Júlio Ribeiro divulgou sua magnífica página sôbre «as valentes aves marinhas, filhas da tormenta» e da qual destacamos o seguinte sugestivo trecho:

«Ao gageiro da proa a vigiar a derrota do navio, nada indica a aproximação da borrasca: paz no céu, calma no mar, ares tranquilos, águas sossegadas, bonança em tudo. De súbito, imprevistos, como o acaso, rápidos como o pensamento, vindos não se sabe donde, dez, cem, muitos pássaros brancos mosqueados de negro começam a contornar o massame, rasam a superfície das ondas, pipilam sinistros... são as procelárias, é a tormenta que chega...»

Poesia, voltemos a insistir, é arte e, como tal, sua finalidade específica não é, precisamente, criar o belo — à maneira de como pretendiam muitos especialistas do passado — mas produzir o deleite, ou seja, uma emoção estética.

Personalistas e desinteressadas, as verdadeiras obras-de-arte visam, sobretudo, à satisfação de uma necessidade emotiva (Deonna). Daí nelas não serem de fundamental importância a beleza e a perfeição.

Teòricamente, as qualidades extrínsecas de uma obra-de-arte importam muito pouco, pois vai cada artista como lhe pede a íntima natureza e lhe permitem as próprias fôrças, à procura de satisfazer os imperativos de sua estesia.

Muitas criações artísticas agradarão a olhos ou a ouvidos profanos; falarão, por si mesmas, à sensibilidade dos que as contemplarem ou ouvirem; serão consideradas, mais cedo ou mais tarde, autênticas obras-primas. Outras ràpidamente resvalarão para o esquecimento. Isso não autoriza, porém, afirmar que triunfarão aquelas que trouxerem em si «o cunho da verdadeira arte». Semelhante afirmativa seria mesmo de uma inanidade flagrante, tendo-se em vista ser a noção do belo algo de muito contingente, alguma coisa que varia de acôrdo com a raça, a época, o meio a que nos referirmos.